



O INCONSCIENTE NA FILOSOFIA: UMA REVISÃO DO CONCEITO DE NÃO-CONSCIENTE NA OBRA DE ARTHUR SCHOPENHAUER E SUAS RELAÇÕES COM O INCONSCIENTE FREUDIANO

THE UNCONSCIOUS IN PHILOSOPHY: A REVIEW OF ARTHUR SCHOPENHAUER CONCEPT OF NON-CONSCIOUS PROCESSES AND ITS RELATION WITH FREUDIAN UNCONSCIOUS

Maria de Fátima Fernandes*

RESUMO: Embora o interesse filosófico por processos não-conscientes possa remontar a Platão, foi só com o advento da Psicopatologia e, mais à frente, da Psicanálise Freudiana, que o inconsciente passou a ser estudado de maneira ostensiva. Essa constitui, entretanto, apenas uma parte da evolução sobre as idéias acerca do inconsciente. Vários foram os filósofos que antes de Freud, abordaram o conceito de processos não-conscientes. Contudo, dentre esses autores aquele que mais se destacou pela sua aproximação com a teoria psicanalítica foi o filósofo Arthur Schopenhauer. A filosofia de Schopenhauer pode ser considerada referência primordial no estudo das relações entre a psicanálise e a filosofia. O propósito central deste trabalho é justamente o de revisar os principais conceitos da obra de Schopenhauer que nos remetem, de uma maneira ou de outra, à noção de inconsciente psicanalítica freudiana. Muitos autores têm demonstrado a importância de se rastrear os fundamentos filosóficos de conceitos da Psicologia e de se estabelecer relações entre a ciência e as demais áreas do saber, o que fortalece a compreensão dos conceitos estudados, localiza-os na história do pensamento humano e indica pontos de discussão relevantes. A discussão sobre o tema pode inclusive suscitar questões relevantes para pesquisas futuras e indicar caminhos no sentido de solucionar lacunas existentes na literatura psicanalítica sobre o inconsciente. Para tanto, foram cumpridos os seguintes objetivos: discutir os antecedentes e fundamentos teóricos da noção psicanalítica freudiana de inconsciente na filosofia de Schopenhauer; verificar a possível influência das contribuições filosóficas de Schopenhauer na elaboração da teoria psicanalítica sobre o inconsciente; averiguar a possível relação entre os conceitos filosóficos schopenhauerianos e a visão de homem e de tratamento propostas pela psicanálise freudiana, a partir da noção de inconsciente.

PALAVRAS-CHAVE: Inconsciente. Filosofia. Psicanálise. Schopenhauer.

ABSTRACT: *Although philosophical interest on unconscious processes can be traced since Plato it was only with the advent of psychopathology and, later, Freudian psychoanalysis, that the unconscious has been studied so ostensible. This is, however, only part of evolution on ideas about the unconscious. Several of the philosophers before Freud, discussed the concept of non-conscious processes. However, among those authors what stood out for its approach to the psychoanalytic theory was the philosopher Arthur Schopenhauer. Schopenhauer's philosophy can be considered primary reference in the study of relationship between psychoanalysis and philosophy. The core purpose of this work is precisely to review the main concepts of the work of Schopenhauer that refer in one way or another, the concept of Freudian psychoanalytic unconscious. Many authors have demonstrated the importance of*

* Formação de Psicólogo pela Universidade Guarulhos (2008). Atualmente é psicóloga clínica e palestrante. O presente artigo baseou-se no Trabalho de Conclusão de Curso Universitário sob orientação do Professor Mestre Franklin Moreira Villela. Email: mariadefatimafer@ig.com.br



tracking the grounds of philosophical concepts of psychology and to establish links between science and other areas of knowledge, which strengthens the understanding of the concepts studied, located them in the history of human thought and displays relevant points of discussion. The discussion on the subject can even raise important issues for future research and indicate ways to address gaps in psychoanalytic literature on the unconscious. For both, were met the following objectives: to discuss the history and theoretical foundations of the concept psychoanalytic unconscious of the philosophy of Schopenhauer; verify the possible influence of Schopenhauer's philosophical contributions in the establishment of psychoanalytic theory on the unconscious; investigate the possible relationship between Schopenhauer philosophical concepts and vision of man and treatment proposed by Freudian psychoanalysis, from the notion of unconscious.

KEYWORDS: *Unconscious. Philosophy. Psychoanalysis. Schopenhauer.*

INTRODUÇÃO

Nos seus primórdios, a psicologia científica se ocupava apenas da experiência mental consciente. Os filósofos empiristas que a antecederam também haviam procedido do mesmo modo, restringindo suas especulações ao campo da consciência. Embora o interesse por processos não-conscientes possa remontar a Platão, foi só com o advento da Psicopatologia e, mais a frente, da Psicanálise Freudiana, que o inconsciente passaria a ser estudado de maneira ostensiva (SHULTZ; SHULTZ, 1999).

Na obra *Estudos sobre a Histeria*, Freud e Breuer (1893) reconheceram a importância de se adentrar nas origens dos sintomas histéricos, vendo-os não mais como mero resultado da imaginação neurótica, mas como a expressão de traumas psicológicos não acessíveis à consciência. Essa concepção faria emergir o chamado método catártico, enquanto alternativa à insuficiência da sugestão como procedimento terapêutico. Neste momento, já se vêem as primeiras especulações acerca da noção de inconsciente. Desta vez, o que se buscava era trazer à tona os incidentes traumáticos, visando à ab-reação das emoções causadoras da sintomatologia neurótica (FREUD, 1914/1996; LAPLANCHE; PONTALIS, 2001).

Todavia, a partir de *A Interpretação dos Sonhos*, Freud (1900) não tardou muito em perceber algo mais

nos traumas de seus pacientes, tendo verificado que o simples processo de ab-reação não serviria, por si só, como forma de eliminar a neurose. Foi a partir desse reconhecimento que ele chegara então à noção de *re-calque*, aprofundando o estudo do inconsciente e formulando sua teoria psicanalítica. Freud passaria a se utilizar da associação livre e do método interpretativo, recorrendo aos sonhos e fantasias dos pacientes como material de análise. Suas idéias controversas e um tanto revolucionárias para a época, geraram as mais diversas reações por parte do público e de seus seguidores, propiciando o surgimento de várias teorias dissidentes (GARCIA-ROZA, 1984; LAPLANCHE; PONTALIS 2001; WOLLHEIN, 1971).

Toda essa história, já bastante esmiuçada nos livros de Psicologia, constitui, entretanto, apenas uma parte da evolução sobre as idéias acerca do inconsciente. Filósofos como Arthur Schopenhauer, Friedrich Nietzsche e muitos outros, já haviam se debruçado sobre a noção de processos não-conscientes antes da Psicanálise e da Psicologia profunda como um todo. Muitos foram aqueles que, antes de Freud, abordaram o tema inconsciente em suas elucubrações teóricas e filosóficas, e muitos foram os que se opuseram a esse conceito ao explicar os processos que determinam a personalidade humana. Contudo, dentre esses autores aquele que mais se destacou pela sua apro-



ximação com a teoria psicanalítica foi, sem dúvida, o filósofo Arthur Schopenhauer, o qual, embora nunca tenha se referido diretamente ao inconsciente em suas obras, defendeu, por outro lado, a existência de um estado de não-consciência e de processos de natureza não consciente. Sob esse aspecto, a filosofia de Schopenhauer pode ser considerada referência primordial no estudo das relações entre a psicanálise e a filosofia (ASSOUN, 1978, 1983).

O inconsciente, assim como todo e qualquer conceito científico e filosófico precisa ser considerado segundo as características do seu tempo e das condições que permearam a história de vida desses pensadores. A psicanálise nasceu da necessidade de sua época em compreender as perturbações nervosas (mentais), por meio de uma observação verdadeiramente psicológica, apoderando-se não só da personalidade como da vida do homem enquanto indivíduo concreto (ALLERS, 1970). Da mesma maneira, os filósofos que trataram da noção de inconsciente sofreram as influências de sua própria história ao abordar esta questão, e as razões que os motivaram foram as mais variadas. Com relação à Schopenhauer, isto não foi diferente. Sua investigação filosófica pelos processos não-conscientes enraizava-se na sua preocupação em entender a dinâmica da racionalidade e da irracionalidade, ou em outras palavras, a dinâmica entre a Vontade Individual e o Intelecto, como se verá mais adiante. Com uma vida pessoal marcada por constantes atribulações frente à figura materna, um tardio reconhecimento do seu trabalho por parte do meio acadêmico e filosófico da época, e por uma série de outros episódios desafortunados que não raro o conduziam a períodos depressivos e nervosos, Schopenhauer acabou por desenvolver uma visão filosófica menos idealista, concedendo assim menor força à racionalidade na sua capacidade de transformação do mundo, ao contrário de outros contemporâneos seus, como o filósofo Hegel (1770-1831), com quem Schopenhauer disputou um espaço na Universidade de Berlim (TORRES, 2005;

HUISMAN; VERGEZ, 1988). Numa época marcada pelo Iluminismo e pela defesa da racionalidade como mola propulsora do desenvolvimento social, o esforço de Schopenhauer em delinear os limites da razão e do intelecto, e sua igual subordinação à vida instintiva, acabou por ser interpretado – tendenciosamente – como uma forma de pessimismo.

A evolução das idéias sobre o inconsciente toca necessariamente a visão de homem e de mundo inerentes ao contexto de cada pensador e por aí já se percebe o enorme caráter filosófico do tema abordado. Como bem reconheceu Knobloch (1991, p.10), é preciso:

...situar a emergência de noções [acerca do inconsciente] numa época e num contexto cultural e contribuir para a análise da construção dessa mesma noção. Que dirá então no caso da Psicanálise, onde o inconsciente freudiano é a pedra angular e aquilo que nos possibilita falar do sujeito e de sua constituição. Que sujeito é este que esta ou aquela noção de inconsciente produz?

Vários autores têm demonstrado a importância de se rastrear os fundamentos filosóficos de conceitos da Psicologia e de se estabelecer relações entre a ciência psicológica e as demais áreas do saber, o que fortalece a compreensão dos conceitos estudados, localiza-os na história do pensamento humano e indica pontos de discussão relevantes (ALLERS, 1970; ASSOUN, 1983; KNOBLOCH, 1991). Como bem reconheceu Gomes (2007): “o diálogo com a filosofia [...] é imprescindível para o refinamento conceptual e para o exercício crítico de qualquer campo de conhecimento”. Sabe-se que Freud estudou filosofia durante os anos em que cursou medicina na universidade de Viena (SHULTZ; SHULTZ, 1999). Freud chegou também a admitir, por diversas vezes, que a noção de inconsciente era há muito conhecida pelos poetas e filósofos, cabendo a ele, no entanto, o reconhecimento científico dessa concepção, dentro da Psicologia. Segundo o próprio Freud (1940[1938]/1988, p.306):



O conceito de inconsciente por muito tempo esteve batendo aos portões da psicologia, pedindo para entrar. A filosofia e a literatura quase sempre o manipularam distraidamente, mas a ciência não lhe pôde achar uso. A Psicanálise apossou-se do conceito, levou-o a sério e forneceu-lhe um novo conteúdo.

A noção de inconsciente psicanalítica tem assim suas origens na própria filosofia, como resultado da preocupação de certos pensadores em explicar o funcionamento da mente humana e os determinantes do comportamento (CHAUÍ, 2003).

A discussão sobre o tema pode inclusive suscitar questões relevantes para pesquisas futuras e indicar caminhos no sentido de solucionar lacunas existentes na literatura sobre o inconsciente, contribuindo até mesmo para o avanço do trabalho psicanalítico. Afinal, as questões existenciais formuladas pelos filósofos ao longo do tempo, acerca da noção de inconsciente, dizem respeito justamente a antigas preocupações humanas que atualmente constituem objeto de estudo da Psicologia (necessidades, impulsos etc.), e que são diariamente trabalhadas pelos psicólogos em diferentes contextos, seja na clínica, na escola ou nas mais variadas instituições. Conceitos como transferência, contratransferência e outros, estão todos, de um modo ou de outro, associados à questão fundamental do inconsciente (ALLERS, 1970; GOMES, 2007; KNOBLOCH, 1991; LIPPS, 1897/2001).

DA FILOSOFIA À PSICANÁLISE: DIÁLOGOS ENTRE FREUD E SCHOPENHAUER

Passemos agora a uma discussão mais minuciosa dos antecedentes e fundamentos teóricos da noção psicanalítica de inconsciente na obra do filósofo Schopenhauer, sem perder de vista, evidentemente, o caráter filosófico da noção de não-consciente schopenhaueriana e sua posterior inserção no *universo psicológico* por intermédio de Freud – ainda que segundo parâmetros distintos – como tentaremos demonstrar agora ao longo de nossa explanação.

Se, por um lado, Freud (1914/1996, 1917/1996) e outros autores (ASSOUN, 1978, 1983; CACCIOLA, 1991) reconheceram a antecedência de Schopenhauer quanto a algumas das idéias sobre o inconsciente, uma compreensão mais clara dos conceitos schopenhauerianos mostramos – ao lado das muitas similitudes e aproximações que pudemos encontrar entre as duas teorias – algumas divergências de conceituação entre os autores citados.

Sob determinado aspecto, parece ser mais fácil admitir que Freud e Schopenhauer tenham chegado a concepções parecidas seguindo uma lógica semelhante; todavia, se em alguns momentos as convergências são impressionantes, em outros casos, percebe-se uma distância de abordagens entre as duas propostas. Não se trata, portanto, de uma influência no sentido causal, de Schopenhauer para Freud, o que pressuporia, desde o início, uma leitura mais aprofundada das obras filosóficas por parte de Freud. Se este alega não ter lido Schopenhauer antes de formular alguns dos conceitos-chave da psicanálise (FREUD, 1914/1996; ASSOUN, 1978), então não se pode presumir que a relação tenha sido direta, pelo menos num primeiro momento. A análise das duas teorias parece reforçar tal distinção, e aponta para uma compreensão bem mais ampla, da parte de Schopenhauer, quanto ao conceito de não-consciente expresso em sua obra *O mundo como vontade e representação*, em comparação com o inconsciente freudiano, mais limitado à psicodinâmica individual.

A filosofia de Schopenhauer aponta em direção a certos caminhos que não puderam ser abordados por Freud, seja como resultado de uma diferenciação de propósitos – isto é Freud não estava interessado em desenvolver uma filosofia completa a respeito do homem e do universo, como já havia comentado Fromm (1974), mas em estabelecer as bases para o seu modelo terapêutico e científico da mente – seja porque Freud talvez não concordasse com a postura filosófica mais ampla – e necessariamente, mais especulativa – de Schopenhauer.



Freud pretendia tornar a psicanálise um sistema científico, e não uma filosofia acerca da vida e do universo. Damasceno (2005) já havia comentado, nessa mesma linha, as críticas de Freud aos filósofos, que os acusava por reduzir o psíquico ao consciente, visão esta injustificada, na concepção de Damasceno, que faz questão de retomar a presença, em diversas filosofias, de conceitos semelhantes aos de Freud, mostrando como este havia sido em grande parte antecedido por autores como Plotino, Descartes, Kant e o próprio Schopenhauer. Assoun (1978) também destaca o receio de Freud em privilegiar os resumos intuitivos dos filósofos, em detrimento dos dados da observação e da pesquisa psicanalítica.

Partindo inicialmente da comparação positiva entre as duas concepções de inconsciente, evidenciamos logo de início a analogia bastante clara entre o conceito de Vontade em Schopenhauer e o inconsciente freudiano. Para Schopenhauer (1819/2005a), é premente a força da Vontade sobre o intelecto. Se entendermos aqui, como outros têm feito (ASSOUN, 1978; CACCIOLA, 1991) que a Vontade é um conceito equivalente ao de inconsciente na primeira tópica ou mesmo ao Id na segunda tópica, e que o intelecto schopenhaueriano é semelhante ao consciente ou ao Ego – já que este se refere justamente à instância que considera as exigências do Id e do Superego com base no princípio de razão, ou de realidade – pode-se deduzir sem maiores obstáculos, uma considerável parença entre as duas teorias. O próprio Freud parece ter admitido definição semelhante, ao afirmar:

Há filósofos famosos que podem ser citados como precursores - acima de todos, o grande pensador Schopenhauer, cuja 'Vontade' inconsciente equivale aos instintos mentais da psicanálise. Foi esse mesmo pensador, ademais, que em palavras de inesquecível impacto, advertiu a humanidade quanto à importância, ainda tão subestimada pela espécie humana, da sua ânsia sexual (FREUD, 1917/1996, p. 179).

Freud (1925[1924]/1988) chega a reconhecer em seu texto *As resistências à psicanálise*, como seu precursor Schopenhauer já reconhecia a importância da se-

xualidade na vida psíquica, que para este último envolveria o conceito de Vontade como querer-viver, no qual o interesse maior é a perpetuação da espécie, tendo sua sede nos órgãos genitais e sendo a sexualidade sua manifestação mais importante. Em verdade, Schopenhauer (1819/2005a) parece-nos ter antecedido a psicanálise no reconhecimento da primazia das paixões sobre o intelecto, incluindo as paixões de ordem sexual. Em primeiro lugar, assim como o Id – ou o inconsciente – deu origem ao ego, a Vontade também é enxergada por Schopenhauer como o primário, o protótipo, a base da qual surgiram todas as outras coisas, e o intelecto, o elemento secundário, posterior. Uma associação semelhante poderia ser feita aqui com o que Freud (1915/1996) denominara de Processo Primário – guiado pela fantasia e pelo Princípio do Prazer – e o Processo Secundário – guiado pela razão e pelo Princípio da Realidade.

Neste ponto, entretanto, faz-se importante um adendo, para melhor compreendermos o que Schopenhauer quer dizer quando se refere à Vontade, antes de prosseguirmos com nossa análise. E para tanto, devemos entender algumas das raízes filosóficas do pensamento do autor. Schopenhauer (1819/2005b) obteve muito da inspiração para suas obras no trabalho de Immanuel Kant (1724-1804), um dos poucos, senão o único dos filósofos alemães admirado por Schopenhauer. Na visão de Kant (1787/2005), é preciso estabelecer uma nítida distinção entre os fenômenos e a coisa-em-si. Os fenômenos são apenas aparências, reflexos de algo que existiria em si mesmo. A essência do mundo e das coisas permaneceria desse modo, oculta em seus próprios objetos, como algo incognoscível – ou não apreensível pelo conhecimento. Por estar restrito aos limites de nossa percepção, o conhecimento humano e científico jamais poderá ir além dos fenômenos e chegar à coisa-em-si. Não há como ir além dos limites demarcados pela própria estrutura cognitiva e perceptiva do ser humano. Destarte, a faculdade de conhecer não se regula pelos objetos do conhecimen-



to, mas antes, estes é que são regulados pela faculdade de conhecer, pelas suas formas a priori – tempo e espaço. Com isso, Kant conseguiu o que, na opinião de Schopenhauer (1819/2005b), representava a derrota definitiva da metafísica clássica e das várias especulações sobre Deus, sobre a existência de um mundo espiritual, etc., pois tais especulações pareciam considerar o fato de nossa razão estar habilitada a afirmar – por vezes, dogmaticamente -, a existência de algo que a transcende, o que é negado na filosofia de Kant.

Para Schopenhauer (1819/2005b), Kant nos mostrou que o espaço e o tempo são maneiras humanas de representar as coisas. Assim, o mundo visto pelas pessoas não é o verdadeiro mundo - ou a sua natureza verdadeira – mas uma mera representação, ou melhor, uma síntese entre o subjetivo e o objetivo, entre a realidade exterior e a consciência humana. Contudo, Schopenhauer parecia não concordar com o mestre quanto à impossibilidade de acessar a coisa-em-si. Ele via nesse aspecto da filosofia de Kant a expressão de certo desespero; afinal, se não é possível ao Homem atingir a essência das coisas, então permaneceremos fadados, para todo o sempre, a reconhecer meros fenômenos, sem nunca entender o porquê do mundo. Este se torna, por sua vez, um enigma insolúvel. Ao contrário de Kant, Schopenhauer não anulou por completo a importância da metafísica, embora reconhecesse que ela não poderia mais ser levada adiante como o foi desde sempre, envolta em dogmatismos e especulações vazias. O futuro da metafísica, na opinião de Schopenhauer, parecia residir no quanto ela pudesse conjecturar acerca da experiência humana, interna e externa, e não a respeito de uma suposta realidade transcendental, fora do mundo como nós conhecemos.

Em primeiro lugar, é a experiência que nos diz sermos um objeto entre os demais, um ser entre os outros seres. Por meio dela, como que mediante uma intuição fundamental, pode-se reconhecer que somos

seres dotados de vontade, isto é, seres capazes de dirigir seu comportamento para uma determinada direção. Trata-se, portanto, de uma percepção imediata que as pessoas têm de si mesmas; ainda que não se refiram a ela da mesma forma, todos se vêem, em última instância, como seres dotados de vontade, sobretudo, como manifestação do querer-viver. Consequentemente, a inteligência, por meio da qual atribuímos significado ao mundo, é apenas um fato secundário, uma expressão desse querer-viver, um instrumento seu; e diferentemente da inteligência humana, esse querer-viver é igual para todos os seres que habitam o mundo (SCHOPENHAUER, 1819/2005a). Dessa percepção básica é que Schopenhauer chegaria ao conceito de Vontade universal, expandindo os dados da experiência até atingir uma compreensão da realidade das coisas.

Schopenhauer (1819/2005a) distingue assim três tipos de Vontade: uma Vontade Universal, uma Vontade Individual e uma Vontade Objetiva – veremos depois que a comparação com as idéias psicanalíticas limita-se basicamente às duas últimas manifestações da Vontade, e não à Vontade Universal. A coisa-em-si é a Vontade Universal, é a liberdade absoluta; é ela que impera desde o princípio da criação do mundo. Esta Vontade Universal é a essência da vida, é a Verdade livre da interferência da ilusão perceptiva, despida dos fenômenos de tempo e espaço, pois os mesmos, segundo essa filosofia, não seriam reais em si mesmos, senão enquanto imersos na Vontade Universal. O mundo de fenômenos é concebido por meio da representação que temos das coisas e nomeado pelo intelecto de acordo com o interesse individual, com a finalidade de satisfazer as necessidades que se apresentem. A Vontade Individual seria desse modo, uma expressão personalizada da Vontade Universal. O querer-viver, composto pelo instinto de sobrevivência, assume também uma forma inerente a cada ser, o que não significa que a coisa-em-si seja particularmente diferente para cada indivíduo. Ela exis-



te independentemente da Vontade individual, porque transcende esta última sob a forma de Vontade Universal, porém, enquanto fenômeno, ela pode apresentar-se de muitos modos, sendo daí derivado o aspecto individual (HUISMAN; VERGEZ, 1988). Mas o autor se refere ainda a uma Vontade Objetiva, que se configuraria de forma visível por meio do corpo, porque em todos os movimentos do corpo a vontade está presente. O corpo é objetivação da Vontade; não sua objetivação perfeita, mas concreta. O sujeito se torna um indivíduo com o conhecimento e a identificação de seu corpo, porque este é ao mesmo tempo conhecimento e causa, ou seja, mediante a vontade objetiva – ou em outras palavras, o corpo - o indivíduo consegue perceber que os fenômenos exteriores e suas causas estão diretamente ligados a sua Vontade individual e que por ser esta a primeira a se impor, estas manifestações nada mais são do que a própria objetivação da vontade vista e percebida através dos movimentos corporais (CACCIOLA, 1991). O ato de vontade é assim um ato corporal, não podendo consistir na mera deliberação ou esforço racional, pois isto corresponderia simplesmente à representação intelectual do seu objeto; o pensar não é o que determina, em último caso, o ato da vontade, servindo apenas de instrumento àquela. O pensar, o intelecto, está subordinado aos ditames da Vontade (SCHOPENHAUER, 1819/2005a).

Retornando ao diálogo com o pensamento freudiano, as características atribuídas ao Id e ao inconsciente na primeira tópica equivalem quase sem exceção alguma à Vontade individual de Schopenhauer; esta também se refere às paixões e se liga de modo especial ao corpo e à vida instintiva, além de não estabelecer qualquer referência ao tempo e ao espaço – atributos da coisa-em-si kantiana. O intelecto, assim como o ego, resultam de uma evolução gradativa, e não de uma manifestação espontânea e pré-existente, como na vontade. Os processos que regem o funcionamento de ambos – Vontade e Intelecto – são, por assim dizer, distintos

um do outro, da mesma maneira que os sistemas inconsciente e pré-consciente. Por sua vez, o fato de a Vontade, em sua forma individualizada, constituir um atributo de todo ser vivo, sendo encontrada tanto no homem quanto em outros animais – além da comparação que Schopenhauer (1819/2005a) propõe do homem como um animal selvagem – lembra em muito o apelo psicanalítico ao Id e à busca terapêutica de Freud (1930[1929]/1978) em trazer à tona o lado instintivo e primitivo do ser humano.

Por sua vez, a maneira como o intelecto reage às investidas da Vontade também é bastante apropriada a uma comparação com a teoria psicanalítica; o intelecto reconhece a vontade como algo estranho e por ela se deixa enganar, ainda que sem se aperceber inteiramente, tal qual o ego em sua relação com o Id – por exemplo, nos sonhos, nos atos falhos, nos sintomas, etc. O intelecto também é enxergado como um instrumento útil à vontade e, portanto, preso às suas determinações, da mesma maneira que o ego se vê preso, em muitas circunstâncias, pelas paixões do Id. Nesse sentido, a idéia schopenhaueriana de que a Vontade se utilizaria do intelecto para justificar suas intenções obscuras (SCHOPENHAUER, 1819/2005a), também lembra muito o mecanismo defensivo da racionalização, como esclarecido pela psicanálise.

Grande parte da teoria schopenhaueriana sobre a loucura e a genialidade também nos remete a uma afinidade com a teoria psicanalítica de inconsciente. Da mesma forma que Freud, Schopenhauer (1819/2005a) enxerga na loucura a expressão de eventos que são extremamente comuns a qualquer homem são, sendo a loucura, na verdade, uma versão extremada da tendência humana em repelir aquilo que lhe é desagradável ou traumático. A relação que Schopenhauer propõe entre o mecanismo da doença mental e a constituição do que seria uma memória truncada, envolta por fantasias e ilusões que substituem o trauma originário à

perturbação psíquica, nos lembra claramente toda a teoria traumática proposta por Breuer, e num segundo momento, a de Freud sobre a tentativa inconsciente da criança em reprimir a vivência edípica, com a consequente formação de sintomas, traços de caráter e da instância superegógica. Ao seu turno, a visão da Vontade como elemento que irrompe descontroladamente na loucura, tomando completamente o lugar do intelecto e da razão, representa uma descrição quase perfeita da irrupção abrupta dos elementos do Id nos surtos psicóticos interpretados à luz da psicanálise.

Há ainda muitas outras possibilidades de se empreender uma associação entre as idéias de Freud e Schopenhauer. Sem dúvida alguma, a visão de Schopenhauer (1819/1986) sobre o suicídio, a relação complementar que ele estabelece entre vida e morte – no fato de o conceito de querer-viver estar presente mesmo no ato de autodestruição (SCHOPENHAUER, 1819/2000; 1819/1986) – nos leva diretamente à natureza dialética dos instintos de vida e de morte em Freud.

Quase não é preciso reafirmar, nesse sentido, a verossimilhança entre a perspectiva metafísica do amor em Schopenhauer (1819/2000), e o papel imprescindível que a sexualidade exerce na teoria freudiana, que, por sua vez, não deixa também de se ver exaltada quase como um princípio metafísico, ao vincular-se a Eros, instinto de vida. A impressão que se tem, por vezes, é a de que Freud tão somente ampliou, num nível psicológico, a perspectiva schopenhaueriana, ao explicitar os modos pelos quais a libido ultrapassa diferentes etapas evolutivas na história de um indivíduo. A maneira como Schopenhauer concebe a sexualidade, enquanto expressão do objetivo último da Vontade e do querer-viver em preservar a espécie humana, aproxima-se incriavelmente do conceito de Eros psicanalítico.

Todavia, uma vez tenhamos nos aprofundado na compreensão do pensamento schopenhaueriano, passamos a perceber os pontos que separam um autor do outro, e logo

os identificamos na postura filosófica de um, e na postura científica do outro. O que ocorre, como vimos antes, é que há três tipos de vontade: uma universal, uma individual e uma objetiva, o que nem sempre é reconhecido quando se discutem as convergências sobre a noção de inconsciente entre Freud e Schopenhauer. Enquanto as duas últimas poderiam muito bem vir a incorporar, num só conceito, a noção de Id ou de inconsciente, a Vontade Universal não encontra parâmetros com nenhum dos conceitos freudianos – nem mesmo com Eros – e isto simplesmente porque se trata de um conceito abstrato, indemonstrável mediante as observações clínicas de Freud – eis a primeira distinção entre os dois autores.

O conceito de Representação nos oferece um bom exemplo a esse respeito (SCHOPENHAUER, 1819/2005). Ele está ligado bem mais a uma concepção metafísica da realidade, que inclui, num nível individual, o princípio de razão, mas não é determinado exclusivamente por este último. Na filosofia schopenhaueriana, tanto a Vontade individual quanto o princípio de razão não passam de manifestações ilusórias da Vontade Universal e da Representação. Esta última seria resultante de um desenvolvimento ulterior da Vontade Universal, sua objetivação perfeita. Nossas idéias individuais, produzidas por um esforço do intelecto, são presas inexoráveis do espaço e do tempo, da dor, do sofrimento, e de todas as vicissitudes do mundo fenomênico. De certa forma, elas servem à Vontade, na medida em que funcionam como extensões dos desejos e das paixões humanas. Elas não são, portanto, uma descrição fiel da realidade, pois estão, a todo o momento, sofrendo as influências humanas. As coisas do mundo são fragmentos de uma realidade maior e mais ampla, e voltar-se exclusivamente para tais fragmentos, equivale a permanecer enredado em ilusões efêmeras. A Representação, no entanto, é completamente destituída dessas vicissitudes, pois constitui não as idéias individuais em si mesmas, mas a *Idéia* eterna e essencial por trás



da ocorrência de todos esses fenômenos, ou, em outros termos, as leis universais que regem e determinam as relações entre as coisas do mundo. Tais leis só podem ser apreendidas por meio da intuição, comum nas manifestações artísticas e geniais, por exemplo.

Em outras palavras, Schopenhauer parece elevar a um nível metafísico aquilo que na psicanálise permanece tão somente como expressão da psicodinâmica individual. Disso resulta uma diferença fundamental entre as duas teorias, a qual reside no fato de que a não-consciência é, dessa maneira, muito mais que o reprimido ou o instintual; ela se refere igualmente à nossa impenetrabilidade nos desígnios da Vontade Universal, os quais regem a vida. Para Schopenhauer, somos inconscientes não só frente ao que reprimimos ou frente aos nossos instintos. Somos inconscientes dos mecanismos que regem nossa existência, da Vontade por trás de tudo o que há. A compreensão do mundo só é alcançada quando atingimos a condição de “sujeito puro do conhecimento” (SCHOPENHAUER 1819/2005a), na Representação, estágio final de objetivação da Vontade. Mas essa Representação já não é mais o ego ou intelecto que Freud imaginaria aqui, porém, um estado intuitivo de pureza total, em que a realidade se mostra com clareza e sem a transitoriedade dos fenômenos, como numa experiência transcendental, mística ou enquanto expressão concreta na arte -- semelhante à experiência oceânica relatada à Freud por um de seus amigos, e sobre a qual o pai da psicanálise estendera sua dúvida e ceticismo (FREUD, 1930[1929]/1978).

É quase como se Schopenhauer houvesse enxergado no mundo as instâncias que Freud encontrou em si mesmo e em seus pacientes. A concepção schopenhaueriana de inconsciente é, nesse sentido, bem mais abrangente que a de Freud, por seu evidente caráter filosófico e metafísico. A Vontade universal de Schopenhauer é como um inconsciente gigantesco do mundo, de onde todas as coisas provêm, mas o qual permanece inacessível

diretamente. A metafísica de Schopenhauer considera tudo aquilo que constitui objeto de estudo da psicanálise, meros fenômenos, despojados de uma existência real, pálidas projeções da Vontade Universal e da Representação. Aqui se vê a enorme aproximação entre Schopenhauer e a filosofia oriental, como Mesquita (2007) já havia salientado, nas aproximações entre a Vontade e o conceito de nirvana, por exemplo.

De qualquer maneira, apesar das diferenças salientadas entre Freud e Schopenhauer, há também, como vimos uma enorme parecença entre as duas abordagens, ainda que em níveis distintos – o filosófico e o científico – que parece requerer uma explicação. As únicas que podemos levantar aqui são de natureza psicológica. A primeira delas diz respeito ao conhecido fenômeno dentro da psicologia e da psicanálise, chamado projeção. Pode-se resumir o mecanismo da projeção da seguinte maneira: trata-se de um fenômeno em que o indivíduo passa a reconhecer fora de si próprio, elementos que existem nele mesmo. Seguindo tal raciocínio para o assunto em pauta, poder-se-ia especular que Schopenhauer reconheceu em si fenômenos semelhantes aos relatados pela psicanálise, para em seguida projetá-los no ambiente externo, vendo-os como expressão da própria constituição do mundo e da vida.

Uma segunda explicação para a proximidade entre os autores residiria talvez, na convergência entre suas histórias de vida. Assim como Schopenhauer, Freud também foi renegado pelos meios acadêmicos num primeiro momento. A imagem de incompreendido que recaiu sobre Schopenhauer parece ter sido revivida em grande parte por Freud. Os dois, como vimos, tinham maneiras muito parecidas de considerar as coisas. É bem possível que suas personalidades fossem de um tipo semelhante, dando à nossa hipótese um colorido biográfico para as similitudes encontradas. Mas uma proposta como essa necessitaria de um estudo mais aprofundado na vida de cada autor o qual reservamos, talvez, para uma oportunidade futura.



CONCLUSÃO

É curioso, sob determinado aspecto, ver como esses dois autores chegaram a conclusões tão semelhantes, embora em períodos relativamente diferentes – Schopenhauer nascera em 1788 e morreu em 1860, e Freud nascera em 1856, tendo despontado em sua carreira nos primeiros anos do século XX – e se utilizando de recursos diferentes para tal. De qualquer modo, nossas considerações parecem reforçar o fato de que um diálogo entre psicologia / psicanálise e filosofia pode ser bastante promissor e revelar interações nunca antes imaginadas. Parece também reforçar a afirmação de Allers (1970) segundo a qual a psicanálise jamais poderá se desvincular completamente da filosofia, estando ligada a ela por laços muito resistentes, como outros também asseveraram (ALMEIDA, 2005; CHAUI, 2003; DAMASCENO, 2005).

É notável que a psicanálise trouxesse para a psicologia questionamentos que até os dias atuais têm sua importância no direcionamento do inconsciente. Isto, no entanto, só foi concebível graças ao fato de que filósofos como Immanuel Kant e Arthur Schopenhauer produziram as condições de pensamento ideais, e tiveram efetiva contribuição antecessora à Freud nesta jornada cujo mérito transpassou a ilusão do tempo e, por meio da psicanálise, tornou possível a perpetuação científica desses conceitos.

Nossas observações também remetem à tentadora hipótese de que uma idéia filosófica ou científica nem sempre é uma criação inusitada; muitas idéias parecem apenas retomar formas antigas de se dizer o mesmo – ainda que de maneira inusitada e nunca tentada antes – num processo de *eterno retorno*, como defendeu o filósofo Nietzsche (ALMEIDA, 2005). Em conformidade com os dados aqui discutidos, faz-se necessária a elucidação de tais aproximações como objeto de esclarecimento da relação entre a teoria psicanalítica e schopenhaueriana.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, R. M. **Nietzsche e Freud**: eterno retorno e compulsão à repetição. São Paulo: Loyola, 2005.
- ALLERS, R. **Freud**: um estudo crítico da psicanálise. Porto: Livraria Tavares Martins, 1970.
- ASSOUN, P. L. **Freud**: a filosofia e os filósofos. Trad. Hilton Japiassu. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1978.
- ASSOUN, P. L. **Introdução à Epistemologia Freudiana**. Rio de Janeiro: Imago, 1983.
- CACCIOLA, M. L. M. O. **Schopenhauer e o inconsciente**. In: KNOBLOCH, F. (Org.). **O inconsciente**: várias leituras. São Paulo: Escuta, 1991, p. 11 – 25.
- CHAUI, M. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2003.
- DAMASCENO, M. H. A noção de não-consciente dos filósofos e o inconsciente freudiano. **Revista Mal-Estar e Subjetividade**, v. 5, n. 1, p. 174-189, mar. 2005.
- FREUD, S. **A interpretação dos sonhos**: primeira parte. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 4).
- FREUD, S. (1914). **A história do movimento psicanalítico**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14).
- FREUD, S. (1915). **O inconsciente**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 14).
- FREUD, S. (1917). **Uma dificuldade no caminho da psicanálise**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1996. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas



- Completas de Sigmund Freud, v. 17).
- FREUD, S. (1925[1924]). **As resistências à psicanálise**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 19).
 - FREUD, S. (1930 [1929]). O mal-estar na civilização. In: **Os pensadores**. Trad. José Octávio de Aguiar Abreu. São Paulo: Abril Cultural, 1978.
 - FREUD, S. (1940[1938]). **Algumas lições elementares de Psicanálise**. Trad. sob a direção de Jayme Salomão. Rio de Janeiro, Imago, 1988. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. 23).
 - FROMM, E. **Análise do homem**. Trad. Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1974.
 - GARCIA-ROSA, L. A. **Freud e o inconsciente**. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1984.
 - GOMES, W.B. **Relações entre Psicologia e Filosofia: A psicologia filosófica**. Disponível em <http://www.ufrgs.br/museupsi/dicotomia.htm>. Acesso em: 3 set. 2007.
 - KNOBLOCH, F. Apresentação. In: KNOBLOCH, F. (Org.). **O inconsciente: várias leituras**. São Paulo: Escuta, 1991, p. 9 – 10
 - LAPLANCHE, J; PONTALIS, J.B. **Vocabulário da psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
 - LIPPS, T. O conceito de inconsciente na psicologia. **Natureza Humana**, v. 3, n. 2, p. 335-356, jul./dez. 2001.
 - MESQUITA, F. L. A. **Schopenhauer e o Oriente**. 159 f. Dissertação (Mestrado). Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
 - SCHOPENHAUER, A.O mundo como vontade e representação (III parte). In: **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2005.
 - Crítica da filosofia kantiana. In: **Os pensadores**. São Paulo: Nova Cultural, 2005b.
 - **O mundo como vontade e representação (IV parte)**. São Paulo: Ediouro, 1986.
 - **Metafísica do amor, metafísica da morte**. Trad. Jair Barboza. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
 - SHULTZ, D. P; SHULTZ, S. E. **História da psicologia Moderna**. São Paulo: Cultrix, 1999.
 - WOLLHEIN, R. **As idéias de Freud**. São Paulo: Cultrix, 1971.